

LIVANINGO

15.07.2024 | Segunda-feira

Nº: 1

Livangingo transforma vidas através de empoderamento económico e inclusão de grupos vulneráveis em Cabo Delgado



Pag 2

NOTÍCIAS:

- O Desabamento da Lixeira de Hulene: 6 anos de falsas promessas
- Livangingo planta mais de 300 mudas de mangais no Município da Matola
- Trinta mulheres recebem kits de negócios em Machangulo
- Distritos de Matutuíne e Inhaca sob ameaça de desmatamento florestal devido à excessiva exploração de combustível lenhoso pela população

CORRUPÇÃO

Líder comunitário de Macoco acusado de desvio de 100 mil meticais

Pag 3



Decorrem trâmites legais para a acusação e julgamento de um líder comunitário local, Inácio Leza, pelo desvio de 100 000.00 mts (cem mil meticais). Continua...

Pag 5



O Desabamento da Lixeira de Hulene: 6 anos de falsas promessas

Livaningo transforma vidas através de empoderamento económico e inclusão de grupos vulneráveis em Cabo Delgado



Visando contribuir para a redução das desigualdades socioeconómicas na província de Cabo Delgado, em especial aos grupos mais vulneráveis, como jovens, mulheres e pessoas com deficiência, a Aldeia de Crianças SOS e Livaningo estão a implementar, desde o início

de 2023, o projecto de Empoderamento Económico e Inclusão de Grupos Vulneráveis (EEICA), naquele ponto do país. Através da iniciativa financiada pela União Europeia, foram criados grupos de poupança e crédito rotativo nos distritos de Metuge, Mecufi e Pemba. São 255 beneficiários, dos quais 50% são deslocados, 60% mulheres chefes de família, 40% são jovens e 10% são pessoas com deficiência.

Para melhorar o conhecimento e habilidades fundamentais dos grupos, a Livaningo treinou 15 grupos em matéria de poupança e crédito rotativo, com o objectivo financiar pequenas iniciativas de negócios para os membros dos grupos, através de pequenos empréstimos.

Os beneficiários mostraram-se satisfeitos com o projecto EEICA. Zura Sefo, 27 anos de idade, mãe de quatro filhos e residente na comunidade de Muaria sobrevivia apenas de agricultura de subsistência. A sua vida mudou para o melhor após ser seleccionada para participar em treinamento em matéria de poupança e crédito rotativo, fazendo parte de um grupo da sua comu-

nidade denominado por “Força Athu Warussa”, onde poupou em algumas sessões e depois pedir um empréstimo ao grupo de 3000 meticais. “O empréstimo me permitiu confeccionar e vender bolinhos. Com os rendimentos consigo suprir algumas despesas do dia a dia”, disse Zura.



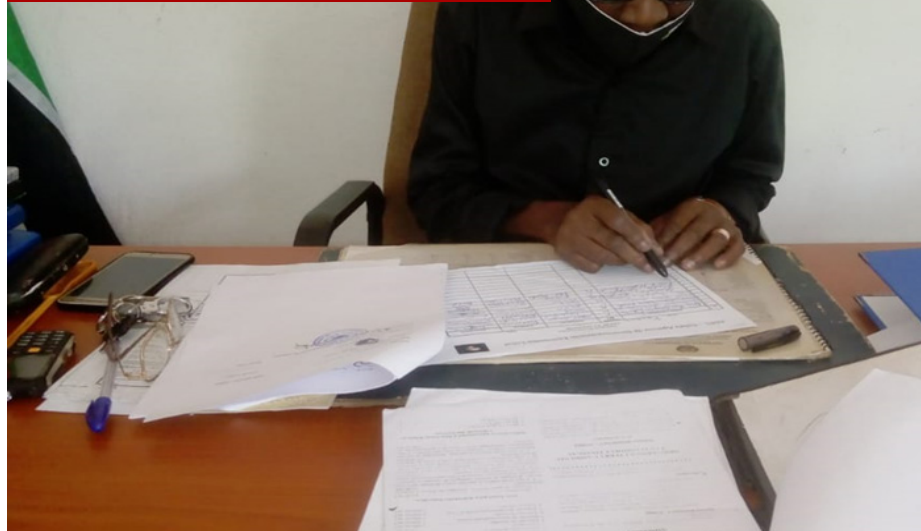
Por sua vez, Sila Sualehe, um jovem de 27 anos com deficiência, como membro de um grupo de poupança, beneficiou de empréstimo que o permitiu comprar uma máquina de costura e contratou um profissional para fazer trabalho de costura na sua residência.

Os rendimentos de corte e costura garantem a poupança no grupo e melhorar a sua renda familiar.

O projecto Empoderamento Económico e Inclusão de Grupos Vulneráveis em Cabo Delgado “EEICA”, implementado nos distritos de Pemba, Metuge e Mecufi pelo consórcio Aldeia de Crianças SOS e Livaningo, é financiado pela União Europeia, visando contribuir para redução das desigualdades económicas-sociais em especial em relação aos grupos vulneráveis como jovens mulheres e pessoas com deficiência.

CORRUPÇÃO

Líder comunitário de Macoco acusado de desvio de 100 mil meticais



Tomás Quembo, director do SDAE de Marínguè

Decorrem trâmites legais para a acusação e julgamento de um líder comunitário local, Inácio Leza, pelo desvio de 100 000.00 mts (cem mil meticais), que se destinava ao Comité de Gestão de Recursos Naturais de Macoco, especificamente às famílias, vítimas do ciclone Gombe, na localidade de Kumbalansai, dis-

trito de Marínguè, província de Sofala.

Segundo a rainha do povoado de Macoco, Lista Brisimo Chave, o caso foi despoletado em Março do ano passado, quando a empresa de exploração florestal SOFLORA cumprindo com a sua responsabilidade social desembolsou 100 mil meticais, para mitigar o sofrimento de algumas famílias, que viram suas casas desabarem devido aos efeitos do ciclone Gombe que

fustigou a região centro. “O valor destinava-se à compra de material de construção para a reconstrução de algumas residências que desabaram. Infelizmente, o sapanda Inácio desviou o valor da comunidade”, desabafou a rainha Lista para depois acrescentou que, alguns líderes comunitários queriam que rainha recebesse o valor, mas o Sapan-da movido pela ganância quis receber o valor no seu Mpesa, alegando que faria

uma gestão transparente do valor e pelo bem da comunidade.

Por sua vez, Jordão António Sengo, secretário do Comité de Gestão de Recursos Naturais de Macoco, explicou que, porque a comunidade está agastada e conhece os seus direitos, encaminhou o caso ao Tribunal Distrital para reaver o seu dinheiro. “Informamos as autoridades que o sapanda Inácio Leza desviou o dinheiro que era para ajudar membros

da comunidade que sofreram com o ciclone Gombe e o caso corre com os seus trâmites legais”, referiu Sengo.

O director do Serviço Distrital de Actividades Económicas de Marínguè (SDAE), Tomás Quembo, disse que o Governo tem conhecimento do caso e está a preparar o processo até ao Tribunal, visando ressarcir os lesados. Entretanto, o agente da Procuradoria Distrital de Marínguè, Jone Simão, assegurou que a instituição já recebeu o caso de desvio de 100 mil meticais com o conhecimento do SDAE do distrito, CGRN de Macoco e da comunidade, contudo, considerou ser prematuro para avançar mais detalhes.

Livaningo planta mais de 300 mudas de mangais no Município da Matola



financeiro da Agência Norueguesa de Cooperação e desenvolvimento (NORAD), constituiu o ponto de partida para efectivação do projecto de restauro e conservação do mangal, lançado no ano passado, pela Livaningo e que pretende em três anos, repovoar 50 hectares de mangal e apoiar na conservação de 175 hecta-

res.

Falando sobre o evento, Sheila Mhula, coordenadora de programas na Livaningo, explicou que a iniciativa faz parte de um conjunto de acções de conscientização da preservação do meio ambiente. “O desflorestamento tem contribuído para danos ambientais como erosão nas zonas urbanas.

No âmbito do desenvolvimento de acções que visam melhorar a gestão sustentável dos recursos naturais na província de Maputo, a Livaningo promoveu recentemente, o plantio de mais de 300 mudas equivalente a (841.86m²), no bairro Matola “A”, Município da Matola. Dentre as mudas de mangais plantadas, destacam-se a avicenia marina, rizophora mucronata, ce-riops tegal e burgueria.

A realização desta actividade que conta com o apoio

Como uma instituição de educação ambiental, pensamos que como o plantio de mudas e reflorestamento podemos melhorar o futuro”, disse.

Julieta Fumo, uma jovem de 22 anos de idade e residente do bairro Matola “A”, mostrou-se satisfeita por fazer parte de pessoas que

fazem o plantio de mudas naquela comunidade. “As campanhas de sensibilização ambiental da Livaningo despertaram-me. Os jovens precisam cuidar do meio ambiente, contribuindo com ideias e acções concretas”.

Para além do restauro, a Livaningo está a implementar junto com os residentes locais e líderes comunitários, a instalação de dois viveiros comunitários para multiplicação de mudas, como forma de garantir a sustentabilidade do projecto.



A LIVANINGO

Sita na rua: Gil Vicente, Bairro da Coop, N º: 74

Cell: 872021166; 844963771

Maputo - Moçambique

E-mail: livaningo.org@livaningo.co.mz

**Boletim Informativo Trimestral
15 de Julho de 2024**

O DESABAMENTO DA LIXEIRA DE HULENE 6 ANOS DE FALSAS PROMESSAS



A importância de desativar-se a lixeira de Hulene remonta aos anos 2000, quando a LIVANINGO identificou e promoveu debates sobre as consequências da permanência da lixeira para os munícipes, por esta já ter ultrapassado seu tempo de vida útil, cujos argumentos assentavam-se na iminente poluição no bairro Hulene e arredores, bem como a contaminação do lençol freá-

tico, poluição atmosférica, e até mesmo visual, sem contar com a proliferação de pequenos roedores que são grandes agentes de doenças, etc.

Durante a campanha de advocacia contra a permanência da Lixeira de Hulene, a Livaningo e os outros parceiros da sociedade civil apresentaram várias razões para o encerramento da lixeira. Infelizmente, os esforços foram sistematicamente ignorados por quem

de direito. Vide a tabela 1, um pequeno resumo dos esforços realizados pela Livaningo ao longo dos anos advocando pelo encerramento da lixeira.

Apesar de inúmeros esforços em forma de campanhas, debates e outras modalidades, o Município manteve operacional a Lixeira de Hulene até a data.

Datas	Actividades
25/11/2000	Primeiro seminário de auscultação pública sobre os problemas causados pela lixeira.
24/02/2001	Segundo seminário sobre Lixeira de Hulene, tendo contado com a presença do Vereador de Parques e Jardins do Município da Cidade de Maputo.
2/06/2001	Marcha realizada de Hulene Expresso a Magoanine, cujo objectivo era reivindicar o facto do Governo não levar a sério a questão do encerramento da Lixeira de Hulene
De 2002 a 2012	Foram realizados mais 5 seminários com o objectivo de debater e demonstrar a relevância do encerramento da lixeira.
16/ 07/ 2016	Debate público (Workshop). Objectivo: Debater sobre o encerramento da Lixeira de Hulene e construção do aterro Sanitário de Mathemele. Local: Actual Auditório Municipal Carlos Tembe.

Apesar de inúmeros esforços em forma de campanhas, debates e outras modalidades, o Município manteve operacional a Lixeira de Hulene até a data. Contudo, o desabamento da Lixeira de Hulene, ocorrido no dia 19 de Fevereiro de 2018, que causou a morte de 17 pessoas, cinco feridos e mais de 250 famílias desalojadas, provou ao mundo a urgência do encerramento da Lixeira de Hulene. Moçambique virou manchete nalguns veículos noticiosos nacionais e internacionais pelo mau exemplo, mau proceder e por visível ingovernabilidade e “teimosia institucional”.

As vítimas do incidente da Lixeira de Hulene tiveram de digerir os traumas pelos quais passaram desde o desabamento e lidar com

recorrentes promessas do Município da Cidade de Maputo para a garantia de seus alojamentos temporários, ao que nem sempre era cumprido. Os primeiros alojamentos das vítimas do desabamento foram casas arrendadas, maioritariamente na zona de Hulene, onde o governo municipal desembolsava o valor das rendas trimestralmente, contudo, nem sempre cumpria e ficava meses sem o desembolso, deixando as vítimas desamparadas.

Enquanto o governo prometia casas novas e o pagamento das rendas às famílias, por outro lado prometia aos munícipes do bairro de Hulene, como as organizações da Sociedade civil, encerrar definitivamente a lixeira, o que não ocorreu, a primeira promessa de en-

cerrar a lixeira foi feita em 2018, certamente provocada pelo crescente descontentamento da sociedade, mídia e sociedade civil, a outra em 2023, ora todas elas não foram cumpridas.

Vítimas reassentadas onde há falta de tudo

Após rondas de promessas feitas pelo Município, surgiram os primeiros reassentamentos às vítimas a partir de Março de 2022, no bairro Possulane, localizado no distrito de Marracuene, província de Maputo. Este bairro faz parte de uma gama de bairros considerados “zonas de expansão”, onde carece de infraestruturas e serviços sociais básicos, entre eles escolas secundárias, unidades sanitárias, bem como mercados.

A Livaningo entende que este processo não obedeceu a norma que oriente o processo de reassentamento em Moçambique, que é o caso do Decreto número 31 de 2012 de 8 de Agosto, no seu artigo 10 referente aos Direitos dos afectados, indica que constituem direitos dos afectados: Ter restabelecido o seu nível de renda, igual ou superior ao anterior; ter restaurado o seu padrão de vida igual ou superior ao anterior; ser transportado com os seus

bens para o novo local de residência; viver num espaço físico infraestruturado, com equipamentos sociais; ter espaço para praticar as suas actividades de subsistência; e dar opinião em todo o processo de reassentamento.

Vários dos direitos arrolados não foram salvaguardados, durante o processo de reassentamento em Possulane. As vítimas encontravam-se numa zona periurbana, onde era deveras fácil

desenvolver um pequeno negócio, aceder a infraestruturas públicas, tal como hospitais e vários outros, o que não pode mais ocorrer, dado o nível de subdesenvolvimento infraestrutural do novo bairro. No que se refere a opinar em relação a todo o processo de reassentamento, desde o início as decisões tomadas em relação as datas, local, dimensão das casas e até mesmo os empreiteiros foi de ordem vinculativa ou unilateral.

RACHAS UM ANO DEPOIS DA ENTREGA DE CASAS



Imagens que retratam a degradação das casas passado um ano.



As casas foram construídas por dois empreiteiros, sendo um de nacionalidade chinesa e outro portuguesa, fora todos os constrangimentos havidos em todo este processo de reassentamento, passado apenas um ano, as casas apresentaram alguns sinais de degradação, denunciando a qualidade na prestação de serviços por parte das empreitadas responsáveis pela construção das casas. Uma das nossas entrevistadas, beneficiária das casas recém entregues desabafou nos seguintes termos: “O tecto falso começa a ceder e estou com medo de um dia a casa desabar, a qualidade das obras deixa a desejar”.

OUTRAS VÍTIMAS DA PERMANÊNCIA TEIMOSA DA LIXEIRA

As vítimas da lixeira de Hulene transcendem o fenómeno do desabamento da lixeira. Continua havendo ao redor da lixeira várias outras vítimas de igual relevância, se comparado as vítimas que perderam suas casas, o ritmo através do qual o lixo é depositado naquele aterro, tem vindo a ocasionar uma potencial invasão de zonas residenciais, e uma invasão em acto de águas negras sempre que chove, inundando as casas que ainda encontram-se instaladas ao redor do aterro, o que se configura numa clara violação de direitos humanos, ao qual Moçambique é signatário. É vedada a possibilidade de ir e de vir, de ter saúde e dignidade social.

Os munícipes são impedidos até mesmo de satisfazer as suas necessidades biológicas, uma vez que, as suas latrinas encontram-se preenchidas pelo líquidos escoados pela montanha de lixo. As consequências na saúde são visíveis.



O Pedro, na imagem pode elucidar tal situação:

“Desde que a água do lixo invadiu a minha casa, comecei a sair estas feridas nos pés. Não tenho botas, então as vezes entro na água suja descalço ou com chinelos”.



Imagens que ilustram a invasão de águas negras

A Livangingo lamenta a ausência de memória institucional por parte do Município da Cidade de Maputo, por embora tenha ocorrido toda uma cadeia de tragédias, a lixeira ainda não tenha sido encerrada de forma definitiva, e condena o facto do município entender haver mais espaço no recinto para depositar mais resíduos sólidos. A permanência do aterro sanitário não é apenas uma questão de equilíbrio urbano, mas sim uma questão de garantia de direitos humanos, dado o seu potencial de causar doenças e algumas podem ser silenciosas, podendo gerar toda uma problemática de saúde pública.



**NO DISTRITO DE
MATUTUINE,
PROVÍNCIA DE
MAPUTO**

**Trinta mulheres
recebem kits de
negócios em
Machangulo**

No âmbito do projecto Kuvikela, 30 mulheres vulneráveis das comunidades de Mabuluco, Mucombo, Chivambo, Liphukeze, Ndelane da localidade de Ndelane e comunidade de Maphanga da localidade de Nhonguane, receberam nos finais do ano passado, 30 kits de negócios que visam empoderar financeiramente as comunidades.

A cerimónia de entrega de diversos kits de negócios contou com a presença do governo distrital, líderes locais e representantes da Livaningo.

Ainda que com um sol escaldante com o termómetro a rondar os 32 graus, as beneficiárias entoavam sorridentes a canção improvisada pela emoção do momento

“Kanimambo Livaningo” que em português significa “Obrigado Livaningo” e mais adiante clarificavam o agradecimento, “obrigado pelos presentes e pelo projecto. Não esperávamos tamanha benevolência”. Foi assim que debaixo de umas frondosas árvores no interior de localidade de Ndelane, posto administrativo de Machangulo, distrito de Matutuine, província de Maputo, os cânticos e danças de 30 mulheres simbolizavam a cerimónia de entrega de kits de negócios para mulheres vulneráveis das comunidades de Mabuluco, Mucombo, Chivambo, Liphukeze, Ndelane da localidade de Ndelane e comunidade de Maphanga da localidade de Nhonguane.

Como não deixaria de ser, os presentes na cerimónia mereceram uma oração proferida pelo representante do líder das igrejas locais, Simião Ubisse como que a abençoar a iniciativa. A seguir, a representante das beneficiárias de Machangulo, Elsa Mhala, tomou a palavra e emocionou a plateia. Primeiro vincou que, tomada por emoção, as palavras não saíam e a imaginação fugia, contudo, assegurou que no seu entender o projecto “Kuvikela” é uma luz no fundo do túnel no que concerne ao combate à pobreza, porque empodera as mulheres locais, por isso “o nosso muito obrigado Livaningo”.

Leonel Fidalgo, representante do Governo do Distrito de Matutuine, mostrou-

-se satisfeito pela iniciativa uma vez que, “o projecto enquadra-se na estratégia do governo que busca parcerias para desenvolver as comunidades”, explicou, para depois apelar as beneficiárias a encetarem esforços para levarem avante os seus negócios. “Para que mais mulheres tenham benefícios, é importante que as primeiras sejam mais responsáveis e racionais no uso dos kits recebidos”, concluiu.



Por sua vez, Armindo Mandlate, representante da Livaningo, esclareceu aos presentes na cerimônia que a Livaningo surgiu no âmbito da defesa dos interesses supremos das comunidades e o bem-estar destas, por isso, “é neste espírito que a organização abraçou o projecto Kuvikela, visando empoderar as comunidades. Sabemos que muito há por fazer, mas a caminhada para reduzir a pobreza

requer esforços de todos”, disse.

Para Albertina Chaincomo, 46 anos de idade e que tem três filhos por cuidar, o projecto Kuvikela “é como um milagre. Sempre sonhei em ter um negócio assim, mas não tinha meios para iniciar. Muito obrigada a Livaningo pela oportunidade”.

Este artigo foi produzido no âmbito do projecto Parque Nacional de Maputo - KU-

VIKELA, de nome oficial, **“Adaptação Baseada em Ecossistemas às Alterações Climáticas na Área de Protecção Ambiental de Maputo (MEPA): Conservação e Construindo Resiliência”** o qual está a ser financiado pela Blue Action Fund e implementado pelo consórcio composto pela Peace Park Foundation (líder), ADRA, AMA e Livaningo no distrito de Matutuíne e Ilha de Inhaca respectivamente.

DISTRITOS DE MATUTUÍNE E INHACA SOB AMEAÇA DE DESMATAMENTO FLORESTAL DEVIDO À EXCESSIVA EXPLORAÇÃO DE COMBUSTÍVEL LENHOSO PELA POPULAÇÃO

A actividade florestal em Matutuíne e Inhaca, província de Maputo, sul de Moçambique, é caracterizada pelo corte de estacas, exploração de combustível lenhoso e seu processamento



em forma de carvão vegetal e lenha, que constituem fontes importantes de combustível lenhoso para as comunidades locais. A lenha e o carvão são os principais combustíveis domésticos. A madeira também contribui na construção de casas. Os distritos enfrentam problemas de desflorestamento e de erosão, havendo em Inhaca, por exemplo, comunidades que percorrem mais de 7 quilómetros para encontrarem a fonte de

lenha mais próxima.

Em entrevista com o director do Serviço Distrital de Actividades Económicas (SDAE) de Inhaca, Felisberto Fumo, referiu que, o combustível lenhoso é a principal fonte energética do uso doméstico em Inhaca, tendo em conta que, as condições socio-económicas da maioria da população local não favorecem o uso de outras fontes energéticas como gás, energia eléctrica, etc.

“Verifica-se o crescente uso da lenha, devido ao aumento populacional. Nos últimos tempos, a exploração de vegetação tem crescido. Até então não temos situações de abate de árvores para lenha. Usa-se a lenha seca recolhida no chão. Contudo, há noção de que a qualquer momento os ramos secos podem esgotar e neste caso as po-



Director do SDAE de Inhaca,
Felisberto Fumo

pulações podem abater árvores vivas”, sublinhou Felisberto, tendo apelado a necessidade de medidas preventivas para evitar o abate indiscriminado de árvores num futuro próximo.

“É preciso compreender que no caso específico de Inhaca, sendo uma área de conservação tem uma entidade competente, a Estação da Biologia Marinha que sensibiliza as

comunidades na preservação das florestas e de toda a biodiversidade que temos no distrito”, Segundo o SDAE, ao contrário dos passados 10 anos, actualmente as comunidades têm percorrido longas distâncias em busca da lenha uma vez que, nas proximidades das residências já não há árvores com ramos secos. **“Isso revela que em breve as plantas vivas poderão ser abatidas”,** vaticinou Felisberto Fumo.

Por sua vez, o presidente da Associação de Desenvolvimento Comunitário de Inhaca, Manuel Manganhela, declarou que o uso da lenha é excessivo em Inhaca. **“Há muita procura da lenha. Mas o maior problema é ter a maior parte da comunidade sem a consciência de que há necessidade de se fazer o reflorestamento”,** anotou

Manganhela.

Segundo Manuel, a Estação de Biologia Marinha muito tem feito para o reflorestamento, oferecendo mudas de plantio às comunidades.

“Há um projecto de plantação de coqueiros. Também faz-se sensibilização ambiental através de rádio comunitária, onde se fala das queimadas descontroladas, abate de árvores”, disse, e acrescentou que **“a Ilha já enfrenta o problema de abate excessivo de árvores para a padaria, contudo, visando reduzir o desmatamento, o Parque Nacional de Maputo (PNM) ofereceu fornos a gás à algumas padarias e com a sensibilização a única padaria que usa lenha compra a mesma na cidade de Maputo”.**

Membros das comunidades de Matutuíne e Inhaca reconhecem que o desmatamento é a principal causa para a perda de biodiversidade, degradação dos solos, inundações, etc. “Sabemos que, a exploração da lenha concorre para o desflorestamento, mais não temos outra opção, porque não há meios de vida favoráveis na comunidade. As pessoas

são desempregadas e não há recursos para adquirir outros meios de subsistência”, justificou Raquelina Nhaca, uma das residentes do bairro Ingwane, na Ilha de Inhaca.



Manuel Manganhela,
presidente do CDC

Tal como a Ilha de Inhaca, o distrito de Matutuíne também tem estado a observar a excessiva exploração da lenha de entre outros recursos faunísticos. Várias comunidades de Matutuíne têm vindo a queixar-se do esgotamento da lenha. **“Há dez anos, percorríamos menos distâncias para ter o combustível lenhoso e fazia menos calor que agora”** revelou Elina Ndelane, residente na comunidade de Guengo, Posto Administrativo de Bela Vista, em Matutuíne.

Pedro Timbane de 35 anos de idade, dedica sua vida na produção do carvão, há

quatro anos, em Salamanca, distrito de Matutuíne. Pedro queixa-se do quão duro é fazer carvão. **“Ficamos muito tempo no mato e trabalhamos duro. Por mês consigo fazer no máximo 10 sacos que vendo a 450 meticais cada, infelizmente, usamos boa parte do valor para transporte”,** lamentou.

Mesmo sabendo que essa actividade é ilegal, Timbane continua praticando devido a falta de alternativas de sobrevivência, mas reconhece que está a prejudicar a floresta e o meio-ambiente.

Em anonimato, um polícia comunitário da floresta e também agricultor, com cerca de 50 anos de idade disse que a falta da chuva interfere na época da colheita e escassez de água, **“sinto que a temperatura mudou, a agricultura está ficando impraticável, a água virou um luxo. É por isso que muitos já fazem negócios e poucos se têm dedicado na agricultura pela incerteza da produção”,** disse.

Este artigo foi produzido no âmbito do projecto Parque Nacional de Maputo - KUVIKELA, de nome oficial,

“Adaptação Baseada em Ecossistemas às Alterações Climáticas na Área de Protecção Ambiental de Maputo (MEPA): Conservação e Construindo Resiliência” o qual está a ser financiado pela Blue Action Fund e implementado pelo consórcio composto pela Peace Park Foundation (líder), ADRA, AMA e Livanningo no distrito de Matutuíne e Ilha de Inhaca respectivamente.

O projecto está sendo im-

plementado em estreita colaboração com o Parque Nacional de Maputo, a Administração Nacional de Áreas de Conservação (ANAC) e o parceiro de consórcio ADRA Alemanha.

O objectivo geral do projecto é reduzir os riscos relacionados às mudanças climáticas e aumentar a resiliência das comunidades costeiras vulneráveis por meio da conservação e uso sustentável de ecossistemas vitais dos quais depen-

dem e maior capacidade de adaptação; bem como contribuir para a conscientização e partilha de conhecimento de uma abordagem de Adaptação Baseada em Ecossistemas (EbA).

O projecto contribuirá para a conservação de uma rede de áreas protegidas costeiras e marinhas globalmente significativas e suas zonas de uso sustentável i) melhorar os serviços ecossistêmicos ii) contribuir para reduzir os riscos das mudanças climáticas para as comunidades vulneráveis.

HISTÓRIA DE SUCESSO

Tem 25 anos de idade e é mãe de um filho. Apesar de ser deficiente visual faz pequenos negócios para sustentar uma família composta por 11 membros. Natural e residente em Pemba, capital de Cabo Delgado, Alizema Uaraca, é uma das beneficiárias do Projecto EEICA.

Alizema foi seleccionada para ser beneficiária de serviços financeiros móveis, onde beneficiou de uma capacitação sobre como usar a “banca móvel” e depois recebeu 7500 meticais para iniciar o negócio financeiro móvel, no bairro de Alto Gingone, por sinal, um local bastante movimentado. Antes tinha uma renda mensal de 3000 meticais, mas agora em poucos meses com banca móvel estima que tem uma renda superior a 5000 meticais.

“Estou muito grata pela oportunidade, o serviço é bastante simples e tem ajudado a aumentar a minha renda. Espero que mais mulheres jovens na minha condição possam ter o mesmo tipo de ajuda”, disse Alizema.

Banca móvel empodera jovens mulheres em Pemba



Parceiros:



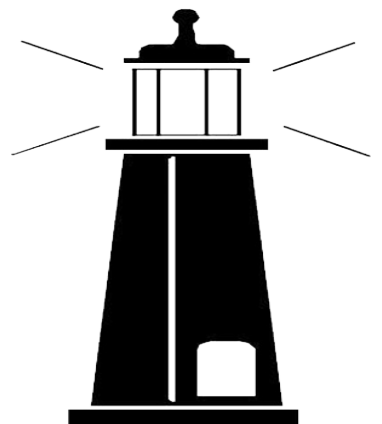
+258 844963771 | 872021166



livaningo.org@livaningo.co.mz



www.livaningo.co.mz



LIVANINGO